

ESTADO DE CRISE: Zigmunt Bauman & Carlos Bordoni

José Dantas de Sousa Junior¹

Trazemos aqui uma análise crítica do livro “Estado de Crise”, resultante de um diálogo entre o sociólogo polonês Zigmunt Bauman e o sociólogo e escritor italiano Carlo Bordoni. Neste trabalho os autores debatem sobre a crise atual dos governos pelos atuais cenários políticos, e pelos problemas sociais e econômicos que não são apenas de ordem local, mas também de ordem global. Esta obra de fácil compreensão de leitura e rica em informações sobre o contexto sócio-político em que estão inseridos os governos atuais. A obra está dividida em três capítulos, que correspondem a: “Crise do Estado”, “Modernidade em crise” e “Democracia em crise”. No primeiro capítulo “Crise no Estado” de 61 páginas, os autores fazem uma discussão a respeito da definição da palavra crise e o que ela representa nos estados modernos. Começam citando a medicina, aonde a crise se refere a um paciente que está doente. Nesta situação, os médicos fazem exames, avaliam e decidem qual forma de tratamento deve ser utilizada, mas na sociedade moderna se detecta o problema, mas não se conseguem diagnósticos adequados além de não se interferir quanto à chegada do seu estágio final. Desta forma, os autores veem a falência do modelo de Estado-nação.

Quando o poder é administrado por mercados, por grupos financeiros, por forças supracionais, que escapa a todo e qualquer controle democrático, a política é um tema controverso e contencioso. Isso assume várias faces: há a política da Comunidade Europeia, condicionada pelos Estados e mercados mais fortes (que são capazes de implementar) “suas” diretrizes por meio de lobbies; a política dos estados-nação que não tem nenhum poder, mas que é perfeitamente autoreferencial e autoperpetuadora; uma política local que tem poder limitado e reduzido, apenas para gerir a situação existente, sem nenhuma chance de intervir na impenetrabilidade de “governança”. (BAUMAN & BORDONI 2016, p.26)

Nesse contexto avalia a crise dos governos, principalmente os de terceiro mundo, que tentam desenvolver uma gama de políticas que não possuem nenhuma eficácia. Os autores detectam uma mudança na natureza da política, passando a existir no mundo atual uma antipolítica. Desta forma em que se encontram os regimes de governo, os quais não protegem mais os seus cidadãos, investem em uma forma de governança “liberal” que age de forma indireta no Estado, mas sem

¹ Doutorando em Ciências Sociais – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

grandes resultados, embora com um rodízio de partidos em que cada um lança um projeto de governo diferente, com novas propostas, mas com poucas soluções. Esses acontecimentos e estes fracassos levam cada vez mais às desconfianças dos seus povos, de seus eleitores. Na segunda parte, “Modernidade em crise”, o maior com 65 páginas, analisam a crise que atravessa o mundo atual, a qual esta marcada pela liquidez das coisas. Problemas causados pelo não cumprimento das promessas da modernidade. A esperança em um progresso, da possibilidade de consumo, de uma fase em que todos os angustiantes problemas sociais seriam deixados para traz, em que toda memória de desemprego e de pobreza seria apagada, em uma era de crescimento econômico e prosperidade social. Para os autores custou esperar esse milagre consumista que não veio a acontecer e o processo de jardinagem das civilizações modernas não conseguiu extinguir todos os consumidores e pessoas falhas no novo sistema. Nesse contexto que para Bordoni (2016, p. 70): A modernidade retirou as suas promessas. A pós-modernidade as subestimou, até zombou delas, preenchendo o espaço com brilhos, imagens, cores e sons; substituiu substâncias por aparências e valores por participação.

Destas promessas, a primeira a ser retirada foi a ideia iluminista de segurança, que considerava possível ter o controle total sobre a natureza. O avanço e a criação de tecnologias que seriam capazes de evitar catástrofes ambientais não foram suficientes para evitar tragédias que aconteceram neste período. Podemos concordar com os autores de que houve uma previsão errada desse controle, já que a natureza não se deixa dobrar. Muitas destas catástrofes ocorridas em virtude do uso da natureza pelo homem, assim como também pelo descuido da sua prevenção. Essas bem colocadas e denominadas pelos autores de as catástrofes morais. Sendo ainda em muitos casos mais sérias e mais avassaladoras. Para os autores, as elites dos países falam línguas diferentes dos mais desprovidos, possuem realidades diferentes, ao ponto de parecerem estar em outro mundo, longe da realidade do mundo moderno. Ao falar de elites os autores dão tom marxista à análise do mundo moderno. Chegam a citar no livro que “tudo que é sólido se desmancha no ar”. Da mesma forma, a maior parte da classe política parece estar falando línguas diferentes, já que no estado de crise em que vivemos.

“Governo e políticos não ajudam em nada, eles não podem nos mostrar que direção tomar. Eles próprios não compreenderam, estão desorientados. Reagem de modo contraditório, às vezes pressionando em direções absurdas, rumo ao lugar aonde enxergam um vislumbre de certeza e a oportunidade de recuperar o controle social que perderam” (BAUMAN & BORDONI 2016, p.85).

No último capítulo, intitulado de “Democracia em crise”, os autores questionam a forma de como os cidadãos estão perdendo a fé nos seus governos, estes sistemas que se tornaram ineficazes nas ações governamentais que viessem a proteger o seu povo. Mostram as insuficiências, as oscilações e as dificuldades destes em resolver problemas locais, quando estes têm origens em questões globais. Neste último capítulo são utilizados pressupostos de vários autores, tais como Rousseau e Reinhart Koselleck. Também utilizam acontecimentos do século XX em seu debate. Quando fala em pós-democracia, já se referindo ao século XXI são tidas discussões como a passagem da geração x para a geração y, no qual Bauman (2016, p.162) deixa claro que “os membros da geração y são os primeiros a nascer em um mundo que já havia *internet* e a conhecer, assim como em praticar a comunicação digital em “tempo real”... algo como um divisor das águas da história humana”. Isto faz com que os membros da geração y sejam obrigados a ver isso como um marco na história cultural, colocando-se sempre acima dos membros da geração x. A *internet* e as relações sociais digitais são de fundamental importância para dar impulso à sociedade consumista. Este modelo de sociedade que torna cada vez mais difícil o controle do Estado Moderno. Ainda sobre este contexto atual, da passagem de gerações e de uma modernidade para uma modernidade líquida, Bauman (2016, p. 147) ressalta que:

“Todos esses sentimentos, expressões e experiências se combinam numa “síndrome da incerteza” gêmea da “síndrome da incompreensão”. Vivendo dentro do mito do progresso, nossos antepassados olhavam para o futuro com esperança, nós olhamos com medo... Em vez de ser uma promessa de bem-aventurança, o “progresso” se transformou no nome da ameaça.”

Podemos chegar à conclusão deste importante trabalho, que os autores não falam especificamente de uma crise ou soma de crises. O que estes compreendem e debatem são estruturas de variações desta crise em que os estados atravessam. Podemos ver isto em virtude da forma de como os autores falam dos diversos problemas socioeconômicos e como estes se relacionam entre si. Podemos em uma visão sociológica identificar uma crise que possui várias faces. Dentre estas, a maior delas e em que gira a maior parte do debate é a questão do divórcio entre o poder e a política (BAUMAN & BORDONI 2017, p. 34), no qual o poder que perde a capacidade de levar as coisas a cabo e a política sem credibilidade que perde a habilidade de decidir que coisas são necessárias e devem ser feitas. Existe também na sociedade, como bem visto por Bauman, uma crise na relação de uns com os outros. Com todos esses fatores ocorre o que os autores identificam como a de crise

de agência do Estado. Este enfraquecido passa a ver o seu poder de ação e decisão transferido para forças supraestatais dentro de um imaginário espaço de fluxos. Esses fenômenos todos ocorrentes de decisões neoliberais como a privatização e terceirização, Por outro lado, os efeitos da globalização também vieram a enfraquecer os antigos modelos de regime dos estados-nação.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. & Bordoni, C. **Estado de Crise**. 1ª ed. Rio de Janeiro, Zahar 2016